

SYLVIA DAY

Refletida

Tradução de
Cláudia Ramos e Helena Ramos

5 SENTIDOS

1

Eu amava Nova Iorque com o género de louca paixão que reservava unicamente para uma ou outra coisa na minha vida. Aquela cidade era um microcosmos de novas oportunidades e velhas tradições. Os conservadores cruzavam-se com os boémios. As coisas mais excêntricas coexistiam com raridades sem preço. A energia que pulsava na cidade alimentava os vasos sanguíneos dos negócios internacionais e atraía gente do mundo inteiro.

E a própria encarnação de todo aquele vigor, aquela ambição vibrante, aquele poder reconhecido de todo o mundo acabava de me transportar a dois incríveis orgasmos de encarquilhar os dedos dos pés...

Ao dirigir-me ao guarda-roupa giratório, entrevi a cama de Gideon Cross, revolvida pelo sexo, e estremeci com aquela recordação do prazer. O meu cabelo ainda estava húmido do banho e a toalha enrolada à minha volta era a minha única peça de vestuário. Tinha hora e meia para chegar ao emprego, o que era pouco tempo para a minha azáfama. Teria, obviamente, de reservar tempo para o sexo na minha rotina matinal ou corria o risco de ter de dar corda aos sapatos todas as manhãs. Gideon acordava sempre pronto para conquistar o mundo e gostava de iniciar a ação comigo.

Era ou não uma rapariga cheia de sorte?

Com o aproximar do mês de julho em Nova Iorque a temperatura começava a aquecer, o que me fez decidir por umas calças leves de linho e uma camisa sem mangas em popelina, de um cinzento suave para combinar com os meus olhos. Como não tinha talento especial para me pentear,

atei o meu longo cabelo loiro num rabo de cavalo e maquilhei-me. Quando me achei apresentável, saí do quarto.

No momento em que cheguei ao *hall*, ouvi a voz de Gideon. Percorreu-me um ligeiro arrepio ao perceber que ele estava zangado, pelo tom de voz baixo e metálico. Era difícil vê-lo exasperado... a não ser quando se irritava comigo. Eu era capaz de o levar a levantar a voz, praguejar e mesmo enfiar as mãos pela sua magnífica juba de cabelo negro até aos ombros.

Mas, geralmente, Gideon era um monumento de poder controlado. Não precisava de gritar quando era capaz de fazer tremer as pessoas com um simples olhar ou uma palavra cortante.

Fui dar com ele no escritório. Estava encostado à parede com o receptor Bluetooth ao ouvido. De braços cruzados, olhava pelas janelas da sua *penthouse* da Quinta Avenida, dando a sensação de um homem totalmente solitário, uma pessoa separada do mundo que o cercava mas absolutamente capaz de o dominar.

Encostada à ombreira, gozei aquele espetáculo. Estava certa de que a minha vista do horizonte era mais impressionante do que a dele. A minha vantagem era incluí-lo a ele, sobreposto aos imponentes arranha-céus, uma presença igualmente poderosa.

Ele tinha saído do chuveiro antes mesmo de eu ter sequer coragem para saltar da cama. O seu corpo *feito-para-a-perdição-de-uma-mulher* estava agora tapado por um caríssimo três-peças feito por medida – um dos meus pontos fracos, confesso. A vista de trás enquadrava um rabo perfeito e umas costas poderosas envoltas num colete.

Na parede havia uma enorme colagem de fotografias de nós dois como casal e uma minha, muito íntima, tirada por ele enquanto eu dormia. A maior parte eram fotos tiradas pelos *paparazzi* que o seguiam por toda a parte. Afinal, tratava-se de Gideon Cross, dono das Cross Industries, que na idade ridícula de 28 anos era um dos vinte e cinco homens mais ricos do mundo. Eu estava convencida de que uma parte significativa de Manhattan era dele; e tinha a certeza absoluta de que ele era o homem mais excitante do planeta. E tinha fotografias minhas em todos os cantinhos da sua vida, como se eu fosse tão agradável aos olhos como ele...

Virou-se num movimento elegante, para me apanhar no seu olhar azul-de-gelo. Claro que sabia desde o princípio que eu estava ali a observá-lo.

Havia como que uma crepitação no ar quando estávamos perto um do outro, uma sensação como a da espiral do silêncio antes do trovão. Era provável que ele tivesse esperado deliberadamente um instante antes de se virar para mim, dando-me oportunidade de o observar porque sabia como eu adorava olhar para ele.

Secreto e perigoso. E todo meu.

Meu Deus... nunca me habituara ao impacto daquela face. Os malares esculpidos e a asa escura das sobrancelhas, os olhos azuis e as pestanas espessas e aquela boca... perfeitamente desenhada, sendo tão sensual quanto perversa. Adorava vê-la sorrir num convite sexual e estremecia ao vê-la transformar-se numa linha fina de severidade. E quando ele a colava ao meu corpo, eu entrava em órbita.

Caramba, já te ouviste a ti própria?! Torci a boca ao lembrar-me de como costumava ficar enjoada ao ouvir os comentários líricos das minhas amigas acerca da beleza dos namorados. E agora aqui estava eu, totalmente dominada pela beleza de um homem complicado, frustrante, admirável e pecaminosamente *sexy* por quem estava a apaixonar-me cada vez mais, dia após dia.

Enquanto olhávamos um para o outro, a sua expressão zangada manteve-se assim como o tom áspero que usava para falar com o pobre diabo do outro lado do telefone. Ainda assim a sua expressão aqueceu, passando de uma irritação gélida a um olhar abrasador.

Eu já devia ter-me habituado à mudança que o dominava quando olhava para mim, mas era um choque que ainda me fazia cambalear. Aquele olhar transmitia a intensidade do seu desejo de me foder – o que ele fazia sempre que era possível –, assim como me fazia sentir a força da sua vontade, crua e inexorável. Um núcleo de força de comando marcava tudo o que Gideon fazia na vida.

– Vemo-nos no sábado às oito – terminou ele, antes de tirar o recetor do ouvido e de o atirar para cima da secretária.

– Vem cá, Eva.

Um novo arrepio percorreu-me o corpo pelo modo como o ouvi pronunciar o meu nome, com o mesmo tom autoritário que usava para dizer *Vem-te, Eva* quando eu estava debaixo dele... repleta dele... desesperada por chegar ao clímax com ele.

– Não temos tempo para isso, querido.

Recuei para o *hall*, porque ficava impotente perante a presença dele. Aquele tom rouco na sua voz bonita, culta e insinuante era capaz de me provocar um orgasmo – só de ouvi-la. E sempre que ele me tocava, eu sucumbia.

Fugi para a cozinha para fazer café.

Ele resmungou qualquer coisa entre dentes e seguiu-me, apanhando-me com facilidade. Senti-me pregada à parede por um metro e oitenta e sete de um macho entesoado.

– Já sabes o que acontece quando me foges, meu anjo...

Gideon trincou o meu lábio inferior e a seguir atenuou a ferroada com uma carícia da sua língua.

– Apanho-te sempre.

Exalei um suspiro de feliz rendição e o meu corpo relaxou-se de prazer ao ser apertado de tão perto por ele. Eu desejava-o constantemente, tão profundamente que era quase doloroso. Sentia desejo por ele, mas também muito mais. Qualquer coisa de tão precioso e tão profundo que a ânsia de Gideon por mim não produzia o mesmo resultado que teria com outro homem.

Se alguém tivesse tentado subjugar-me com o peso do próprio corpo, eu ter-me-ia insurgido. Mas nunca existira esse problema com Gideon. Ele sabia o que eu queria e quanto eu poderia aguentar.

O seu sorriso súbito parou-me o coração. Confrontada com aquele rosto divinal enquadrado pelo cabelo escuro e lustroso, senti os meus joelhos a tremerem um pouco; ele era tão refinado e elegante... a única exceção era o comprimento quase decadente daquela juba sedosa.

– Não podes sorrir-me daquela maneira e depois afastares-te – disse ele, esfregando a ponta do nariz no meu. – Em que é que estavas a pensar enquanto eu falava ao telefone?

– Pensava que... és lindo como o Sol. Estou sempre a pensar no mesmo, chega a ser doentio... Tenho de me livrar disto.

Ele agarrou a parte de trás da minha coxa e apertou-me mais contra si, provocando-me com um hábil roçar das suas ancas de encontro às minhas. Era escandalosamente dotado na cama e sabia-o.

– Diabos me levem se eu te deixo fazer isso.

– Ah sim?

Um calor percorreu-me sinuosamente as veias: o meu corpo anunciava-me que estava ansioso pelo dele.

– Não me digas que queres mais uma mulher perdida de amores pendurada em ti...

– O que eu quero – ronronou ele, afagando o meu lábio inferior com o polegar – é que estejas sempre tão ocupada a pensar em mim que não consigas pensar em mais nada.

Inspirei profundamente, completamente seduzida pelo seu olhar em combustão lenta, o tom provocador da sua voz, o calor daquele corpo e o aroma da sua pele que me fazia crescer água na boca: ele era a minha droga e eu não tinha o menor desejo de me libertar.

– Gideon... – murmurei, em estado de transe.

Com um gemido baixo ele colou a boca sobre a minha, roubando-me todos os pensamentos com um beijo profundo... que quase conseguiu fazer-me esquecer por completo aquele seu momento de insegurança em frente à janela que eu tinha surpreendido.

Mergulhei os dedos no cabelo dele para o segurar e respondi ao beijo, deslizando a minha língua na dele, acariciando-o. Vivíamos juntos há tão pouco tempo... Menos de um mês. Pior ainda, nenhum de nós sabia como gerir uma relação como a que tentávamos construir – uma relação para a qual recusávamos fingir que não estávamos seriamente preparados.

Ele abraçou-me, apertando-me possessivamente.

– Queria muito passar o fim de semana nas Florida Keys contigo... completamente nua.

– Hmm, parece-me bem...

Melhor do que bem. Embora me excitasse ver Gideon num fato de três peças, gostava ainda mais dele completamente despido. Evitei mencionar o facto de que não estaria livre naquele fim de semana...

– Mas vou ter de passar algum tempo a tratar de negócios – disse ele, movendo os lábios sobre os meus.

– Negócios que pões de parte para estares comigo?

Ele tinha andado a sair do escritório mais cedo para passar tempo comigo e eu sabia que isso lhe custava. A minha mãe já ia no terceiro casamento e todos os seus maridos tinham sido magnatas de sucesso de uma maneira ou de outra; por isso, eu sabia bem que o preço a pagar pela ambição passava por muitas horas de trabalho até altas horas.

– Pago salários generosos a muita gente para poder estar contigo.

Saiu-se bem com aquela, mas ao notar o tom de irritação na sua voz, resolvi seguir por outro caminho.

– Eu sei. E agradeço-to. Vamos lá tomar café enquanto temos tempo.

Gideon passou de novo a língua pelo meu lábio inferior e finalmente largou-me.

– Gostaria de partir amanhã às oito da noite. Faz a mala com roupa leve. No Arizona vai estar quente e seco.

– Como?... Esses teus negócios são no Arizona?

– Infelizmente.

Bolas! Resolvi adiar a discussão e segui até à cozinha. Atravessei o enorme apartamento de Gideon, com a sua espetacular arquitetura de antes da guerra e elegantes janelas arqueadas, onde os meus saltos ora clicavam sobre a lustrosa madeira de lei ora eram abafados por tapetes de Aubusson. Decorado com madeiras escuras e tecidos neutros, aquele espaço luxuoso era animado por detalhes preciosos. Ainda que aquela casa transpirasse dinheiro, conseguia manter-se quente e acolhedora, um sítio confortável para uma pessoa se sentir mimada.

Ao chegar à cozinha, imediatamente coloquei uma chávena sob a máquina de café individual. Gideon juntou-se a mim trazendo o casaco sobre o braço e o telemóvel na mão. Troquei a minha chávena semicheia por uma vazia para ele, antes de ir ao frigorífico para completar a minha meia de leite.

– Isso pode até vir a ser útil... – arrisquei, lembrando-o do meu companheiro de apartamento. – Preciso de dar uma bronca ao Cary este fim de semana.

Gideon largou o telemóvel no bolso interior do casaco, que a seguir pendurou nas costas de uma cadeira.

– Tu vens comigo, Eva.

Um tanto irritada, acrescentei leite ao meu café, dizendo:

– Para fazer o quê? Ficar para lá deitada, nua, à espera que acabes o trabalho e venhas comer-me?

Ele olhou-me nos olhos, enquanto, com excessiva calma, pegava na chávena e bebericava o seu café.

– Será que vamos discutir?

– Será que vais querer complicar as coisas? Já falámos disto. Bem sabes que não posso deixar o Cary depois do que aconteceu a noite passada.

O emaranhado de corpos com que eu me deparara ao entrar na minha sala esclarecia perfeitamente o que significa *foda de grupo*.

Voltei a guardar o leite no frigorífico, absorvendo a sensação de ser atraída para Gideon pela força inexorável da sua vontade. Tinha sido assim desde o princípio. Quando queria, ele era capaz de fazer com que eu *sentisse* a sua vontade. E tornava-se muito, muito difícil para mim ignorar aquela parte de mim mesma que me suplicava para lhe dar o que ele queria, fosse o que fosse.

– Tu vais tratar de negócios e eu vou tratar do meu melhor amigo e depois vamos continuar a tratar um do outro...

– Eu não vou estar de volta antes de domingo à noite, Eva.

Oh... Senti um forte aperto na barriga ao ouvi-lo dizer que íamos estar separados tanto tempo. A maior parte dos casais não passava todos os momentos livres juntos, mas... a verdade é que nós não nos víamos como a maioria dos casais. Ambos tínhamos obsessões, fatores de insegurança e uma paixão um pelo outro que era como um vício – e que exigia um contacto regular para nos mantermos completamente funcionais. Eu detestava estar separada dele e raramente passava uma hora sem pensar nele.

– Tu também não consegues suportar essa ideia – disse ele, observando-me calmamente, naquela forma típica dele de ver tudo. – E arriscamo-nos a que no domingo fiquemos ambos feitos num oito.

Soprei o meu café e bebi um gole rápido. Incomodava-me a ideia de passar o fim de semana todo sem ele. Pior, detestava a ideia de ele passar todo aquele tempo sem mim. Haveria de ter por lá um mundo de escolhas e possibilidades, mulheres que não seriam tão retorcidas e difíceis de conviver como eu.

Ainda consegui dizer:

– Ambos sabemos que isto não é saudável, Gideon.

– Na opinião de quem? Ninguém sabe o que é ser como nós somos.

OK, nisso ele tinha razão.

– Ambos precisamos de ir trabalhar – disse, mudando de assunto.

Sabia bem que este impasse ia levar-nos a ambos à loucura durante todo o dia. Mais tarde poderíamos resolver o assunto, mas por agora estávamos emaranhados num sério empecilho.

Ele encostou a anca contra o balcão, cruzou os tornozelos e obstinadamente decidiu:

– Do que *nós precisamos* é que tu venhas comigo.

– Gideon... – o meu pé começou a bater no chão de mármore. – Eu não posso desistir da minha vida por ti. Se eu me tornar na tua sombra, vais aborrecer-te de mim muito depressa. Aliás, até eu própria me vou aborrecer de mim. Não vamos morrer por passar dois ou três dias a tratar de outros aspetos das nossas vidas, por muito que isso nos contrarie.

Gideon fixou o olhar no meu.

– És demasiado perigosa para seres aborrecida.

– Diz o roto ao nu...

Ele endireitou-se, trocando instantaneamente a sua sensualidade latente por uma severidade intensa. Tão caprichoso... como eu.

– Tu tens sido muito perseguida, muito exposta pelos média, Eva. Não é segredo para ninguém que estás em Nova Iorque. Não posso deixar-te aqui sozinha na minha ausência. Traz o Cary contigo, se tiver de ser. Podes andar à marrada com ele enquanto esperas que eu acabe de trabalhar... e te venha comer, como tu dizes.

– Que gracinha...

Mas de repente compreendi qual era a sua objeção em não estar comigo: Nathan! O meu meio-irmão era um verdadeiro pesadelo do meu passado que Gideon temia que reaparecesse no presente. Arrepiava-me ter de concordar que ele talvez tivesse razão. O escudo do anonimato que me tinha protegido durante anos fora destruído pela nossa relação altamente mediática.

Meu Deus... não havia grandes hipóteses de me ver envolvida naquela trapalhada, mas eu sabia que isso não era razão para Gideon se permitir o mínimo descuido. Ele era um homem que reclamava os seus direitos totalmente, afastava os competidores com uma precisão impiedosa e jamais permitiria que me acontecesse algum mal. Eu era o seu refúgio, o que me tornava para ele inestimável.

Gideon olhou o relógio.

– Está na hora, meu anjo.

Pegou no casaco e fez-me precedê-lo atravessando aquele salão luxuoso, onde recuperei a minha carteira e um saco com os meus sapatos confortáveis. Minutos mais tarde chegávamos ao rés do chão no seu elevador privado e entrámos no Bentley SUV preto.

– Bom dia, Angus – disse eu ao motorista, que levou a mão à aba do chapéu.

– Bom dia, Miss Tramell – respondeu, com um sorriso.

Era um senhor de meia-idade, de cabelo ruivo amplamente salpicado de branco. Eu gostava dele por várias razões, a menor das quais não seria o facto de ele ter levado Gideon de um lado para o outro desde a escola primária. E de gostar, muito seriamente, do jovem patrão.

Um rápido olhar ao Rolex – oferta da minha mãe e do meu padrasto – confirmou que chegaria ao meu emprego a tempo... se não fôssemos contrariados pelo trânsito. Enquanto pensava nisso, Angus deslizava habilmente pelo mar de táxis e carros. Após o silêncio tenso do apartamento de Gideon, o barulho de Manhattan acordou-me com tanta eficácia como um acréscimo de caféina. A barulheira das buzinas e o eco dos pneus passando sobre as tampas dos bueiros revigoraram-me. De ambos os lados da rua atravancada passavam filas rápidas de peões, enquanto os edifícios altíssimos se esticavam ambiciosamente até ao céu, mantendo-nos na sombra apesar do Sol lá no alto.

Meu Deus, como eu *amava* Nova Iorque! Todos os dias arranjava tempo para absorver aquela cidade, para tentar atraí-la para dentro de mim.

Recostei-me para trás no banco de pele e procurei a mão de Gideon, apertando-lha.

– Não gostarias que Cary e eu passássemos o fim de semana fora da cidade? Talvez um salto a Las Vegas?

Os olhos de Gideon eram duas estreitas fendas.

– Porquê? Achas que eu incomodo o Cary? É por isso que não te apetece ir comigo para o Arizona?

– O quê? Não, acho que não. – Virei-me para o encarar. – É que às vezes preciso da noite toda para o fazer falar comigo.

– *Achas* que não? – repetiu a minha resposta, ignorando o resto da frase.

– Ele pode sentir, quando precisa de desabafar, que não consegue falar comigo porque eu estou sempre atrelada a ti – expliquei, amparando a minha caneca com as mãos quando passávamos por cima de uma lomba. – Ouve, tens de deixar de ter qualquer espécie de ciúmes do Cary. Quando eu digo que ele é como um irmão para mim, Gideon, não estou a brincar. Não és obrigado a gostar dele, mas tens de compreender que ele é uma constante da minha vida.

– Dizes-lhe a mesma coisa a meu respeito?

– Não é preciso. Ele sabe. Estou a tentar chegar a um compromisso nisto...

– Eu não assumo compromissos.

– Em negócios, não duvido. Mas aqui trata-se de uma relação, Gideon. Trata-se de dar e receber...

O rosnar de Gideon veio atalhar-me.

– Viajas no meu avião, ficas no meu hotel e, se precisares de sair, levas contigo uma equipa de segurança.

Aquela súbita capitulação, ainda que relutante, calou-me a boca por um minuto. O bastante para ele levantar as sobrancelhas sobre aqueles penetrantes olhos azuis num arco que dizia: *é pegar ou largar!*

– Não achas que é um exagero? – tentei eu. – Vou ter o Cary comigo.

– Vais perdoar-me que eu não lhe confie a tua segurança depois da noite passada.

Bebericando o seu café, a postura dele deixava bem claro que no seu espírito a conversa tinha terminado. Ele expusera-me as suas opções aceitáveis. Ponto final.

Eu ter-me-ia manifestado contra aquela espécie de sem-cerimónia se não considerasse que tomar conta de mim era a sua única motivação. Existiam alguns perigosos esqueletos no meu passado e namorar Gideon tinha-me colocado no centro dos holofotes dos *media* – e esse facto era bem capaz de trazer Nathan Barker até à minha porta.

Além disso, controlar tudo à sua volta fazia parte da personalidade de Gideon. Era como uma segunda pele e eu tinha de me conformar.

– OK – disse eu. – Qual é o teu hotel?

– Tenho vários. Podes escolher. – Voltou a cabeça, olhando para a janela. – O Scott vai mandar-te a lista por email. Quando decidires, diz-lhe e ele fará as reservas. Vamos para lá juntos e voltamos juntos.

Ao encostar os ombros para trás, bebi o meu café e reparei no modo como a mão dele se fechava sobre a coxa. No reflexo do vidro, a expressão de Gideon estava impassível, mas eu podia sentir o seu mau humor.

– Obrigada – murmurei, resignada.

– Não agradeças. Nada disto me agrada, Eva. O teu amiguinho fez merda e eu ainda tenho de passar o fim de semana sem ti.

Detestando vê-lo infeliz, tirei-lhe o café da mão e coloquei as nossas canecas de viagem nos suportes do banco. A seguir trepei-lhe para o colo e abracei-o pelos ombros.

– Agradeço teres cedido nisto, Gideon. É muito impotante para mim. Apanhou-me no seu olhar azul mais feroz.

– Eu sabia que me ias dar cabo da cabeça no momento em que te vi. Sorri, lembrando-me do nosso primeiro encontro.

– Estatelada no chão em pleno *lobby* do Edifício Crossfire?

– Antes. Lá fora.

Intrigada, perguntei:

– Lá fora onde?

– No passeio.

Agarrou-me pelas ancas, apertando-me daquela maneira possessiva e dominadora que era a sua e que me provocava um desejo lancinante..

– Eu ia a sair para uma reunião. Um minuto mais tarde e ter-nos-íamos desencontrado. Eu tinha acabado de entrar no carro quando tu apareceste na esquina.

Lembrei-me do Bentley, parado junto ao passeio naquele dia. Eu tinha ficado demasiado fascinada pelo edifício para observar aquele elegante veículo, mas reparei nele quando saí.

– Foi tiro e queda no instante em que te vi – disse ele em tom arreliado. – Não consegui desviar os olhos. Quis-te para mim imediatamente. Excessivamente. Quase violentamente.

Como é que eu pude ter ignorado a existência de qualquer coisa de extraordinário no nosso primeiro encontro? Eu pensava que tínhamos tropeçado um no outro por acaso. Mas ele já tinha deixado o escritório por aquele dia... o que queria dizer que voltara atrás deliberadamente. Por minha causa.

– E tu paraste mesmo junto ao Bentley – continuou ele – e inclinaste a cabeça para mim. Estavas a contemplar o edifício e eu imaginei-te de joelhos a olhar para mim daquela mesma maneira...

O tom baixo e grave da voz dele fez-me retorcer no seu colo.

– Que maneira? – murmurei, hipnotizada pelo fogo nos olhos dele.

– Excitada. Com reverência... e alguma timidez.

Com o meu traseiro encaixado nas mãos, ele puxou-me para mais perto.

– Não havia forças humanas que me impedissem de te seguir até lá dentro. E de repente lá estavas tu, mesmo onde eu te queria ver, quase de joelhos à minha frente. Naquele instante tive uma dúzia de imagens fantasiosas acerca do que iria fazer-te quando te tivesse despido.

Engoli em seco, lembrando-me de que a minha reação perante ele fora semelhante.

– Olhar para ti pela primeira vez fez-me pensar em sexo. Sexo de gritar e de arranhar os lençóis.

– E eu vi isso... – as mãos dele subiram-me pelas costas. – E soube que tu também me tinhas visto. O que eu sou... o que eu tenho dentro de mim. Atravessaste-me de um lado ao outro.

E foi tudo aquilo que me fez cair de cu. Literalmente. Quando olhei para os olhos dele e percebi como ele estava subjugado, quão sombria era a sua alma. Vi poder, fome, controlo, exigência. E soube, cá dentro, que ele ia conquistar-me. Foi um alívio saber que ele sentira o mesmo a meu respeito.

Gideon agarrou-me pelos ombros e puxou-me para si até encostar a sua testa à minha.

– Nunca senti uma coisa assim, Eva. Tu és a tal.

Senti um aperto na garganta. Gideon era um duro, em certos aspetos, e contudo conseguia ser tão doce comigo... Quase infantil, o que eu apreciava por ser tão puro e autêntico. Alguém que não se desse ao trabalho de olhar para lá daquele físico impressionante – e da fabulosa conta bancária – não merecia conhecê-lo.

– Eu não fazia ideia. Tu eras tão... *cool*. Nunca imaginei que te pudesse impressionar minimamente.

– *Cool?* – zombou ele. – Eu estava em brasa por ti. E tenho andado desatinado desde então.

– Uau... Obrigada!

– Fizeste-me precisar de ti. E agora não consigo aguentar a ideia de estar dois dias sem te ver.

Tomei-lhe o rosto entre as mãos e beijei-o com ternura.

– Também te amo – murmurei junto àquela boca lindíssima. – Também não suporto estar longe de ti.

O seu beijo foi ávido, devorador e contudo o modo como me estreitava contra si era meigo e reverente. Como se eu fosse algo de precioso para ele. Quando nos separámos estávamos ambos esbaforidos.

– E nem sequer sou o teu género, imagina...! – disse eu para aligeirar o ambiente.

A preferência de Gideon por morenas era amplamente documentada.

O Bentley parou. Angus saiu do carro para nos dar privacidade, deixando o motor e o ar condicionado ligados. Olhei pela janela e vi o imponente Edifício Crossfire ao lado. E ouvi a sua voz.

– Quanto a essa história do *meu género*...

Descansando a cabeça contra o assento, Gideon respirou fundo e acrescentou:

– A Corinne ficou surpreendida contigo. Não encaixaste na imagem que ela esperava que tivesses.

Cerrei os dentes ao ouvir falar da ex-noiva de Gideon. Mesmo sabendo que a relação deles tinha sido mais um caso de amizade e solidão para ele, e não amor, não consegui impedir que as garras do ciúme se cravassem em mim. Ser ciumenta era um dos meus defeitos mais corrosivos.

– Por eu ser loira?

– Porque... não és parecida com ela.

Tive um baque. Nunca me passara pela cabeça que Corinne tivesse estabelecido uma espécie de padrão para ele. Mesmo Magdalene Perez – uma das amigas de Gideon que teria gostado de ser mais do que isso – dizia que deixara crescer o seu cabelo escuro para imitar Corinne. Mas eu não tinha digerido a complexidade daquela observação. Meu Deus!... Se aquilo era verdade, Corinne tinha um enorme poder sobre Gideon, o que seria mais do que aquilo que eu podia suportar! O meu coração começou a bater mais rápido e o meu estômago embrulhou-se. Passei desde logo a odiá-la de forma irracional. Odiava o facto de ela ter possuído alguma parte dele. Odiava qualquer mulher que tivesse conhecido o seu toque... o seu desejo... o seu corpo magnífico.

Comecei a deslizar para fora do seu colo.

– Eva.

Ele impediu-me, agarrando-me com força pelas ancas e murmurando:

– Não acho que ela tenha razão...

Olhei para onde ele me segurava e a visão do meu anel de compromisso no dedo da sua mão direita – a minha marca de posse – acalmou-me. Tal como a expressão de embaraço na cara dele, quando o olhei nos olhos.

– Achas que não?

– Se era esse o caso, foi inconsciente. Eu nunca a procurei noutras mulheres. Nem sequer sabia que andava à procura do que quer que fosse antes de te ver.

Senti um profundo alívio ao deslizar a mão pelas lapelas do seu casaco. Talvez ele não tivesse andado à procura dela conscientemente, mas, mesmo que fosse esse o caso, eu não podia ser mais diferente de Corinne, tanto na aparência como no temperamento. Eu era única para ele, uma mulher diferente das outras sob qualquer aspeto. Esperei que isso fosse suficiente para acabar com os meus ciúmes.

– Talvez não fosse tanto uma preferência, mas mais *um modelo* – disse, alisando-lhe com um dedo a testa franzida. – Podes perguntar ao Dr. Petersen esta tarde quando estivermos com ele. Gostava de ter mais respostas, depois de tantos anos de terapia, mas a verdade é que não tenho. Há entre nós muita coisa de inexplicável, não há? Ainda não consigo perceber o que realmente te prendeu a mim.

– Trata-se do que *tu* vês em *mim*, meu anjo – disse ele, com uma expressão muito terna. – Saberes o que há dentro de mim e apesar disso queres-me tanto como eu te quero. Adormeço todas as noites com medo de acordar e descobrir que foste embora. Ou que tenhas fugido de mim... ou que não passes de um sonho...

– Não, Gideon...

Meu Deus, ele partia-me o coração todos os dias. Arrasava-me.

– Bem sei que não consigo dizer-te o que sinto por ti da mesma maneira como tu dizes, mas sou completamente teu. Tu bem sabes.

– Sim, bem sei que me amas, Gideon.

Loucamente. Escandalosamente. Obsessivamente. Tal como eu a ele.

– Estou apaixonado por ti, Eva.

Inclinando a cabeça para trás, Gideon puxou-me para ele e beijou-me de uma maneira muito doce, deixando que os meus lábios passassem nos seus.

– Era capaz de matar por ti – murmurou –, perder por ti tudo o que eu possuo... mas nunca desistirei de ti. Dois dias é o meu limite. Não me peças mais, porque não to posso dar.

Tomei aquelas palavras muito a sério. A sua fortuna isolava-o, dava-lhe o poder e o controlo que lhe tinham sido roubados nalgum ponto da sua vida. Sofrera brutalidade e violação, tal como eu. Vê-lo pronto a considerar

que valeria a pena perder a sua paz de espírito só por mim significava mais do que ouvi-lo dizer *amo-te*.

– Só preciso destes dois dias, querido, depois hei de fazer com que tenham valido a pena.

No seu olhar surgiu uma onda de desejo.

– Ah sim?... Prometes apaziguar-me com um vendaval de sexo, meu anjo?

– Podes crer que sim – admiti eu descaradamente. – Ao fim e ao cabo, é uma tática que parece funcionar bem contigo.

Ele esboçou um sorriso, mas no seu olhar havia uma intensidade que me fez levá-lo muito a sério. Como se eu pudesse esquecer que Gideon não era um homem suscetível de ser manipulado ou domesticado...

– Ah, Eva, Eva... – ronronou ele, esticando-se na cadeira com a serenidade predatória de uma pantera que acabava de fazer entrar uma presa no seu covil.

Abalou-me um arrepio delicioso. Tratando-se de Gideon, eu sentia-me mais do que pronta a ser devorada.